

GRITO NO NORDESTE

A situação dos trabalhadores rurais da Paraíba

LEIA NA PÁGINA CENTRAL



Durante oito dias percorremos vários lugares da Paraíba, vendo de perto a situação dos trabalhadores rurais.

Na Paraíba, principalmente a seca é a responsável pelo flagelo. A Emergência, iniciada há 13 meses atrás, pagava na época Cr\$ 11.225,00. O quilo de feijão custava 100 cruzeiros, e de charque 500 cruzeiros. Hoje, o salário da Emergência é de Cr\$ 15.300,00, enquanto que o quilo de feijão subiu para mil cruzeiros e o de charque para dois mil e quinhentos cruzeiros.

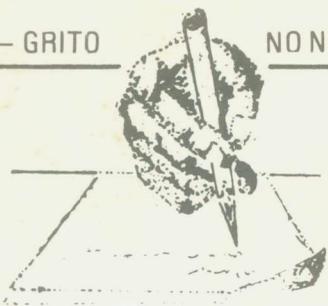
A situação da Paraíba é semelhante a dos outros Estados nordestinos assolados por cinco anos de seca. Nesta situação

que a Igreja, as diversas forças do movimento popular, do movimento sindical se convertem cada vez mais em defesa dos trabalhadores do campo.

Nós da ACR estamos mais dispostos a contribuir nessa caminhada. Procuramos melhorar o Grito no Nordeste com a participação maior dos trabalhadores rurais. Vamos ver se dá certo. O segundo número (março/abril) será sobre a Bahia. Lá estaremos durante quinze dias e vamos fazer juntos o nosso boletim, para que ele, assim como a ACR, se tornem cada vez mais espaços de organização dos trabalhadores do campo.

**ELEIÇÕES
DIRETAS JÁ**
Leia na Página 8

**SANTARÉM RESISTE
A INTERVENÇÃO**
Leia na página 7



Os Amigos Escrevem

ALAGOAS

Estamos de parabéns com o nosso jornal Grito no Nordeste. Todos os companheiros que leram o jornal vieram dar os parabéns a nós da ACR, dizendo que ele saiu muito bom, inclusive nossas notícias de Craíbas.

Aqui no Sindicato estão chegando os trabalhadores da maginú (magro e nú), comprando de um e até dois números do jornal para mostrar aos companheiros de trabalho. Muito embora os chefes da maginú não gostem deste nome. Então nós dissemos a eles que paguem um salário justo e no dia certo, para que possamos chamar de gordo e vestido o trabalhador.

Nossas reuniões estão sendo muito animadas nos sítios e na sede. O povo a cada dia que passa, está procurando se encontrar com nós da diretoria, tanto na sede como em qualquer canto que a gente passe.

Sempre que falam com a gente é prá falar da má administração do prefeito e dos vereadores, e da exploração dos chefes ou feitores das Frentes de Emergência.

(STR de Craíbas)

BAHIA

Companheiros e companheiras, venho através desta para dizer-vos que aqui na Bahia estamos passando uma vida amarga. O sofrimento já está sendo um desafio na vida dos mais pobres, enquanto na vida dos desgraçados dos poderosos está sendo uma fonte de riqueza, a seca e a carestia.

Estamos flagelados pela seca e por uma carestia tão desrespeitosa aos habitantes da terra. Mesmo assim o que não se pode fazer é desanimar, pois os cristãos que esperam uma libertação total e já, têm como armas a fé e a esperança.

Aqui mesmo em Espanta Gado tem um safado de nome Flávio Fernandes, que veio de Mairi, que está tomando o rio afim de prender

toda água para o seu gado. O povoado todo está prejudicado, porém as mulheres estão combinando para quebrar a barragem que o descarado está construindo. Digo que não vai ser preciso os homens se inteverir no caso, pois tem mulheres no povoado que vão garantir o quebra-quebra da barragem.

(Queimadas).

CEARÁ

Quero comunicar-vos que nos dias 23 a 28 de janeiro estivemos reunidos na comunidade de Lagoa do Velho, paróquia de Chorrozinho, município de Aracoiaba, da Arquidiocese de Fortaleza. Nestes dias 314 pessoas das bases, Dom Aloísio Lorscheider e alguns padres, incluindo também oito pessoas que vieram de São Paulo, paróquia de Miracatu, e três do Maranhão, realizaram o XI Seminário Rural da Arquidiocese de Fortaleza.

Este seminário, desde seus princípios em 1972, é uma tentativa de unir as comunidades de acordo com o espírito do Vaticano II e da Conferência dos Bispos em Medellín. Durante esses dias em que estivemos reunidos as experiências apresentadas por companheiros foi de enriquecimento para todos, principalmente para os que trabalham em movimento de comunidades.

Tudo correu bem. Mesmo a gente achando que o local num sertão seco, com falta de água, não fosse capaz de receber um seminário desta natureza, não faltou nada graças a Deus. As famílias daquele lugar tão pequeno, acolheram com um espírito muito solidário todos os que foram ao seminário.

(Comunidade de Paulicéia, Pacajus).

MARANHÃO

Venho com esta dar algumas notícias da Comunidade de Santo Antonio. Sempre continuando com os trabalhos em busca de renovação, estamos nos ligando aos tra-

balhos da paróquia e da diocese. Tivemos vários encontros. Os assuntos: CEBs, Terra e Comunidade. Foi muito bom. No fim de novembro estivemos reunidos em Coroatá com mais de 60 participantes e a Coordenação. Preparamos tudo com a maioria de lavradores. Neste ponto é que vemos que está renovando o trabalho.

Fizemos uma reunião com o ITERMA, com 36 participantes da região. Houve três pontos prioritários: adoção da terra, venda aos posseiros ou desapropriação. A região vai discutir os três pontos. Já estamos fazendo o levantamento dos posseiros da área a ser entregue. O cuidado é não cair novamente na escravidão. O Nordeste continua daquele jeito, sem nada.

Estou na chapa para presidente do Sindicato de Coroatá. Penso em como vencer esta tarefa. Vejo que preciso da ajuda dos companheiros para poder resistir. Deus há de me ajudar. Será chapa única. Só uma coisa tenho a dizer: temos que mudar, custe o que custar.

(Coroatá).

PARAÍBA

O trabalhador toma consciência na medida que vai lutando pelos seus direitos e consegue alguns degraus de sua escada. Os cinco moradores do Engenho Perrinquim, município de Belém, através de uma luta em 1980 ganharam na Justiça o que há mais de 15 anos estava sendo negado pelo patrão.

Com esta vitória continuaram lutando e, como estavam unidos, o patrão não aguentou e vendeu a terra para outro. O novo dono não acreditava nos trabalhadores. Foi logo invadindo as roças dos lavradores com tratores e capangas armados. Mas os trabalhadores comunicaram o fato ao Sindicato, em maio de 83. O mesmo pediu ajuda ao Juiz que mandou imediatamente a polícia desarmar os capangas e o patrão.

Não ficou só nisso. Botaram a causa na Justiça e con-

seguiram quase 6 milhões de cruzeiros do bolso do patrão, em novembro de 83. Dinheiro que estava sendo negado, quando os trabalhadores recebiam menos de um salário.

(Serra da Raiz)

PERU

Estimados amigos, recebemos a saudação calorosa da Coordenação Nacional de Jovens Camponeses do Peru. O motivo da presente carta é expressar-lhes nossas mais sinceras felicitações por haver organizado o Encontro de Jovens Camponeses Cristãos.

Lemos com atenção a notícia do último Grito no Nordeste. Nos alegra muito que os jovens camponeses de nossa sofrida América Latina, pouco a pouco, encontrem níveis de organização que permitam-lhes um espaço próprio de reflexão e intercâmbio.

De nossa parte, informamos que estamos preparando nosso Segundo Encontro Nacional de Jovens Camponeses Cristãos, para os dias 6 a 17 de fevereiro deste ano. Participarão 45 líderes de comunidades de base e grupos de jovens camponeses, vindos de 12 Estados do nosso país. Nosso encontro permitirá fortalecer as coordenações regionais e ir aprofundando o intercâmbio das bases.

Esperamos que os jovens da ACR tenham um ano frutífero em seus trabalhos e nos despedimos fraternalmente.

(Lima).

EXPEDIENTE

GRITO NO NORDESTE

Realizado pela Equipe Central da A.C.R.

(Animação dos Cristãos no Meio Rural)

COLABORADORES:

Gerson, Arnaldo, Marcílio, Domingos, Lourdes, Rufino, Juracy, Paulo, Joãozinho e

Padre José Servat.

Endereço da A.C.R.:

Rua do Giriquiti, 48

CEP: 50.000 - Recife/PE

FONE: 231-3177

Para que todos tenham vida

Desde 1964 que a Igreja do Brasil, através da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), vem lançando todos os anos uma campanha em benefício da vida do povo de Deus. É a chamada Campanha da Fraternidade, incentivada pela abertura da Igreja aos povos, confirmada pelo Concílio do Vaticano II, em 1962.

Estamos pois, comemorando 20 anos de gritos de alerta por parte da Igreja, que à luz do Evangelho denuncia todo tipo de injustiças que ameaçam a vida. A Igreja como sinal simbólico da presença de Cristo entre os homens, não poderia deixar de lado os problemas gritantes que acabam

ou diminuem a vida humana, contrapondo desta forma o objetivo da vinda do Filho de Deus que "veio para que todos tenham vida e esta em abundância" (Jo 10, 10). E é precisamente este o tema da Campanha da Fraternidade de 84, que se inicia neste tempo de preparação para a Páscoa do Senhor. Tempo de conversão, de mudança, onde todos os companheiros são convidados a se unirem ainda mais para acabar com as injustiças e construir uma nova sociedade, um mundo novo. Um mundo onde não exista tanta diferença social: ricos sempre mais ricos às custas da miséria de pobres, sempre mais pobres.

Vivemos numa era de crise mundial, de fome e miséria. O Nordeste brasileiro padece a seca, 12 milhões de crianças brasileiras são ameaçadas de morte provocada pela fome. Muitos trabalhadores rurais das frentes de emergência padecem por falta de uma partilha justa dos bens sociais. Conforme eles mesmos afirmam: "O Plano de Emergência não é a solução e Deus não é culpado pela miséria do povo. O problema não é só a seca, nos dizem os trabalhadores da cana: chove sempre em nossa região, o mundo está verdinho-verdinho, e a gente passa a mesma fome que o sertanejo, porque não temos terra para botar nossa roça.

Por outro lado, sabemos que os fazendeiros do Sertão estão ficando até mais ricos com as secas, pois o Governo manda fazer barragens e outras benfeitorias em suas propriedades".

O problema da fome do povo é a falta de terra para quem nela trabalha. E nos diz um cântico tirado da Bíblia: "A terra é de todos, disse Deus a Adão, toma-a e cultiva tira dela o teu pão". O pão que é a vida, só tem pão quem tem terra, a terra é a vida do camponês. Vamos lutar pela vida, vamos conquistar de novo a terra que Deus já nos deu PARA QUE TODOS OS TRABALHADORES TENHAM VIDA.

A ACR na Paraíba

Aproveitando da viagem de uma semana que fizemos à Paraíba, conversamos com antigos militantes do Movimento procurando relembrar um pouco da história da ACR naquele Estado.

História:

As primeiras sementes do Movimento foram plantadas na região de Arara e Solânea. Os primeiros militantes foram animados pelas visitas do Padre Servat e do companheiro Maximínio. Isso aconteceu no ano de 1965.

De Arara saiu Manoel Hortêncio, que em Cacimba de Dentro foi encontrar outros camponeses e lá iniciar um novo trabalho de base. Contou com a ajuda dos seminaristas Leonidas e José Diácono. Foi então que das comunidades de Cacimba, o companheiro Cícero Gonçalves começou a se despertar e tocou prá frente as reuniões e o Movimento.

Enquanto isso a companheira Elza Vilar, que também atuou em Cacimba, percorria por vários lugares da diocese de Campina Grande espalhando a semente da ACR. Apareceram diversos grupos e sempre os militantes que assumiam mais a caminhada: Ramos em Boqueirão; Elza e Geracina em Serra Branca; Everaldo e Julieta em Cabaceiras, Nininha e Antonio Almeida em Solânea e outros.

Entre 1965 e 1970 o movimento cresceu e viveu o seu momento de maior animação na Paraíba. Houve uma ligação muito boa entre os militantes das dioceses de Campina Grande e de João Pessoa.

Foram realizados muitos encontros em Cacimba de Dentro, Solânea, Boqueirão, Serra Branca e outros. Teve um tempo em que Elza fez a assistência a nível estadual. Depois, foi eleita para a Equipe Central.

Havia uma Equipe Estadual muito atuante da qual participavam: Ramos, Geracina, Cícero, Nininha, Hortêncio e Armando.

Os Anos 70 - Novos Trabalhos:

Até aí não havia um trabalho em Barra de Santa Rosa. Em 1974, Elza apoiada pelo padre Domingos, iniciou esse trabalho. Mais tarde ela, Dedé e outros militantes de Barra estendem a ACR até Cuité.

Nasce também um trabalho de base mais perto de Campina Grande, animado por Maria Paulo e Elvira. Em São José da Mata tinha um grupo bem animado.

Naquele tempo as maiores preocupações eram:

- a conscientização do povo do campo;
- uma reflexão e organização de trabalhos comunitários (roças, bodegas, casas de farinha, etc);

- E com a própria organização interna do Movimento.

Principalmente Elza e Hortêncio viajaram muito por toda a Paraíba e outros Estados. Havia uma ligação com o MER (Movimento de Evangelização Rural).

Neste tempo poderia não haver muita consciência, mas havia muita ligação entre os militantes do movimento. Por exemplo, o 10º aniversário da ACR, foi comemorado num encontro muito animado em Lagoa Seca, que reuniu militantes de diversos lugares da Paraíba.

Por parte do clero, os padres José Diácono de Solânea, e Leonidas, que antes atuavam como seminaristas, foram os que mais apoiaram a ACR. Também, em Boqueirão o padre Paulo acompanhou de perto as comunidades. Mais tarde os padres Cristiano (Pirpirituba), Domingos (Barra) e Donato (Cuité) contribuíram bastante na caminhada.

A Situação Atual:

Atualmente a ACR existe na Paraíba. Isso é um fato. Quem quiser entrar em contato com o movimento pode procurar os seus representantes:

- na Equipe Central: Djalma (de Gurjão);
- na Equipe Regional: Manoelzinho (de Serra da Raiz), Armando (de Mataraca) e

Francisco (de Barra de Santa Rosa);

- na Equipe Estadual: Nenê (de Arara), Armando (de Mataraca), Cícero (de Cacimba de Dentro), Ana (de Nova Floresta), Dedé (de Barra de Santa Rosa) e Manoel Pereira (de Cuité).

Além dos camponeses que representam a Paraíba nas equipes que coordenam a ACR, existem militantes espalhados nos diversos municípios do Estado. Continuam firmes, apesar das dificuldades, na caminhada há quase 20 anos.

A ACR busca cada vez mais o apoio do Clero e dos bispos, principalmente de Campina Grande, Guarabira e João Pessoa.

Conforme avaliação de seus militantes, atualmente o movimento não apresenta toda aquela animação que havia no começo na Paraíba.

VAMOS CONVERSAR EM GRUPO

1) Por que a ACR na Paraíba não está tão animada como nos seus primeiros anos?

2) O que podemos fazer para o crescimento do movimento na Paraíba?

3) Como conseguiremos um apoio concreto por parte dos padres e bispos?

4) Na sua opinião qual deve ser a participação da ACR no Movimento Sindical? E na política?

A situação dos trabalhado

A situação dos trabalhadores rurais da Paraíba, representa apenas uma fatia do enorme bolo que são os problemas do Nordeste brasileiro. Principalmente as regiões do Sertão do Cariri, Curimatau e uma parte do Brejo estão hoje assoladas pelos cinco anos de seca.

A maior parte dos trabalhadores do Sertão já desceu pro lado do Brejo. No Curimatau, os municípios de Cuité, Barra de Santa Rosa, Cabimba de Dentro, Araruna, Tacima, Solânea, Bananeiras, Belém e Dona Inêz vivem em situações difíceis onde os trabalhadores e suas famílias sofrem a fome e a miséria.

O trabalhador sem terra e o pequeno proprietário só encontram uma saída: a emergência. Isso quando conseguem se alistar, sujeitando-se ao salário de 15 mil e 300 cruzeiros por mês.

EMERGÊNCIA: A SOLUÇÃO DO GOVERNO

Em quase todos os municípios paraibanos a emergência é controlada pelos chefes políticos, que estão à serviço do latifúndio. Em outros, como é o caso de Barra de Santa Rosa, é o Exército que toma conta.

Na frente de emergência do MIAM estão alistados mais de 500 trabalhadores. Entre eles dezenas de meninos numa média de 14 anos de idade. Além do vergonhoso salário que recebem, trabalham debaixo do sol quente, sem as mínimas condições.



"A água que nós bebemos é salgada, vem do açude de Barra. A comida é o feijão com farinha. Quem não tem, bebe o caldo da panela do outro" — é o que conta um dos trabalhadores alistados.

Alguns andam de três a cinco léguas a pé ou de bicicleta até a obra, e ainda por cima com fome e doentes. Muitas vezes, nem o atestado médico é respeitado e o trabalhador perde o dia.

Um trabalhador do Sítio Daris, com 62 anos de idade, além de ter a vista curta, sofre da uretra e tem que andar três léguas de bicicleta todo dia, trabalhando debaixo do sol e bebendo água salgada.

Quando o trabalhador perde um dia (510 cruzeiros) são descontados dois (1.020 cruzeiros). "Quando a gente falta não é por preguiça. É por precisão. As vezes tem uma doença em casa ou algum outro problema e quando a gente chega dez minutos atrasado, perde o dia" — afirma um dos trabalhadores da MIAM.

Em muitas emergências do Estado paraibano os salários estão atrasados. Além disso, o aviso dos pagamentos é dado pelo rádio. Se o trabalhador não escutar e perder o dia do pagamento, só vai receber no mês seguinte.

A INDÚSTRIA DA SECA:

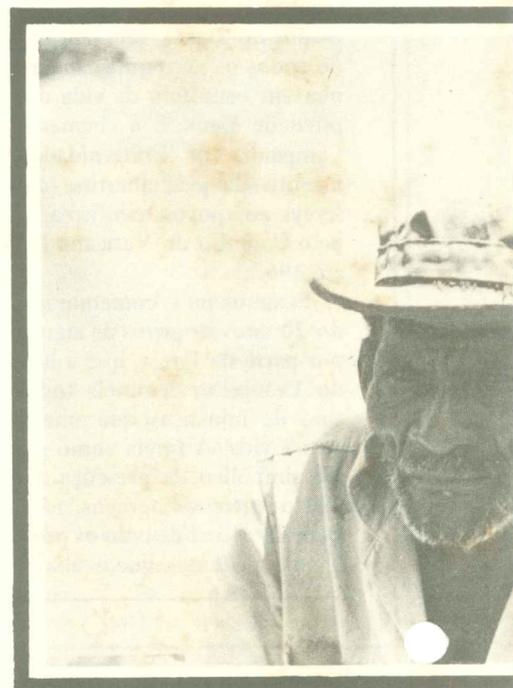
A famosa indústria da seca não acabou. Nela quem lucra são os grandes proprietários de terra. Suas propriedades são beneficiadas pela construção de estradas, barragens e outras obras.

Quem visitar a Paraíba e o funcionamento das obras nas frentes de emergência vai constatar o fracasso desse plano do Governo.

Pra começar não existem obras comunitárias, que no futuro venham beneficiar os trabalhadores e suas comunidades. Desmotivados com essa situação e com um salário miserável, os trabalhadores passam grande parte do tempo parados. Enquanto isso, os que controlam a emergência acusam os trabalhadores de preguiçosos.

Para solucionar o "problema" estão implantando o sistema de tarefas. Qual será o objetivo do sistema de tarefas?

Está na cara que é para aumentar a produção. As tarefas são a forma encontrada de não deixar o trabalhador parado na obra. É um meio de explorar sua força de trabalho, de sugar até sua última gota de suor.

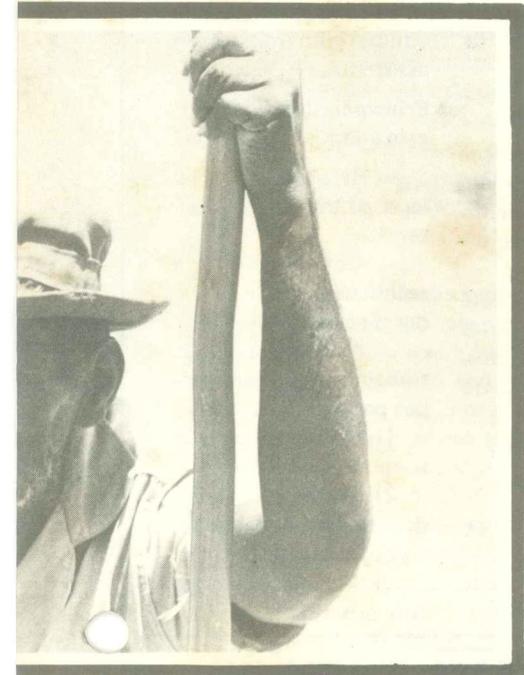


O DESESPERO DOS TRABALHADORES

Diante da seca o trabalhador luta para não morrer de fome com sua família. Como o ganho da emergência não dá, ele busca desesperadamente alguma forma de ganhar uns trocados. Por exemplo, no Sítio Cuiuiu, também no município de Barra, a população faz corda para vender. Mas a matéria-prima, que é o agave, está morrendo com a seca. O agave que resiste não é de boa qualidade. Principalmente os velhos, as mulheres e as crianças produzem cordas, o que rende pouco no comércio. Prá se ter uma idéia, em 1968, com três quilos de agave se comprava um quilo de carne. Hoje são necessários 25 quilos de agave.



Trabalhadores rurais da Paraíba



Muitos trabalhadores atingidos pela seca, que não se sujeitam ao trabalho na emergência, vão para as usinas da região canavieira da Paraíba e Estados vizinhos. Lá chegando tornam-se bóias-frias. Sem condições de se organizarem passam as piores situações, servindo de mão-de-obra barata para os ricos usineiros. Passam a semana na usina e no fim de semana voltam para casa transportados em carros que não oferecem a mínima segurança de vida. Retornam para a usina no domingo à tarde levando umas besteirinhas para comer durante a semana de trabalho. A maioria são meninos entre 12 e 14 anos de idade.

A EXPLORAÇÃO DOS ASSALARIADOS

Aumenta no Estado da Paraíba o plantio da cana, principalmente com os incentivos do Governo ao Proálcool.

Os trabalhadores e suas famílias são expulsos das terras que vão dar lugar a cana. Cresce a cada ano o número de assalariados e a exploração no canavieiro, em busca de uma produção cada vez maior.

Na Fazenda Bastião, município de Alagoa Grande, viviam 118 famílias de trabalhadores rurais. Hoje só tem o vaqueiro, dois empregados e uma enorme plantação de capim. Nessa região só há lugar para a cana e o capim.

Somente seis propriedades mantêm as carteiras assinadas. A Usina Tanque não pagou o 13º salário nem as férias dos trabalhadores.



Ainda em Alagoa Grande, em Tamanduá, 40 famílias de posseiros, com mais de 30 anos de posse, estão sendo ameaçadas pelo grileiro João Cacimbeiro. Ele que é ligado ao grupo da usina comprou as terras para plantar cana e capim. Os posseiros possuem roças de milho, feijão e fruteiras. O Sindicato de Alagoa Grande, juntamente com 30 posseiros, se reuniu na Fetag-PB com representantes da Fundap e do Incra, no dia 19 de janeiro. Exigiu a desapropriação das terras de Tamanduá e o direito das famílias permanecerem e trabalharem na terra.

PARA QUE E COMO LUTAM OS TRABALHADORES:

Tanto os trabalhadores da emergência como os que são explorados na cana se colocam frente a uma grande questão: **o que fazer?**

Antes de mais nada os trabalhadores conscientes da necessidade de uma forte união e organização, lutam pelo fortalecimento do movimento sindical. Afinal, sem um Sindicato autêntico, que defenda os seus interesses, fica mais difícil lutar por uma mudança (leia artigo da página 8).

Nas regiões do Sertão e grande parte do Brejo os trabalhadores querem:

- alistamento para todos na emergência;
- salário mínimo regional;
- pagamento semanal, sem atraso, em dinheiro, direto ao trabalhador nas frentes de trabalho;

- construção de obras de interesse dos trabalhadores. As comunidades com o Sindicato é que devem dizer o local e o tipo de obra;

- que os trabalhadores tenham direito oficial de fiscalizar as frentes;

- água limpa e fria nas frentes e também limpa e bem distribuída nas comunidades.

Enquanto isso, os trabalhadores rurais assalariados da cana exigem:

- carteira assinada com todo o tempo de serviço;

- férias;

- salário justo;

- repouso remunerado;

- o pagamento do 13º salário. .



A disposição de luta dos trabalhadores é grande, até mesmo independente da atuação do Sindicato. Por exemplo, em Barra de Santa Rosa um grupo de 40 trabalhadores da emergência se organizou e saqueou o caminhão da Cobal, no último dia 19 de janeiro. Numa fazenda do município de Píripituba, 10 trabalhadores que nem eram sócios do Sindicato, fizeram uma greve exigindo do patrão o pagamento do 13º salário.

Esses dois exemplos confirmam a disposição e a vontade dos trabalhadores de encontrar soluções para os seus problemas e de fortalecer a união e a organização de toda a classe.

VAMOS TROCAR UMAS IDÉIAS:

1 - Quais os problemas dos trabalhadores rurais do seu lugar, do seu Estado?

2 - Essa situação é diferente ou parecida com a situação da Paraíba?

3 - Será que descobrimos a raiz desse mal?

4 - O que estamos fazendo para mudar a situação?

JOVENS RURAIS CONTINUAM SUA ORGANIZAÇÃO

Aos poucos, o movimento dos jovens rurais vai brotando por este Nordeste a fora. Os jovens rurais vão tomando cada vez mais consciência que eles são uma força muito importante na transformação da sociedade. Descobrem que ser jovem não significa acomodação, falta de objetivos, confusões... mas, busca de idéias, participação nas lutas gerais dos trabalhadores, engajamento e seriedade.

Podemos citar como exemplos da caminhada dos jovens rurais:

— O Encontro de Jo-

vens Rurais de Pimentas(PI), que ocorreu de 6 a 8 de janeiro. Onde foi discutida a opção que o jovem deve fazer na sua vida, tomando como base o Cristo encarnado na sociedade.

— O Encontro de Jovens Rurais de Esperantina(PI), que ocorreu de 3 a 15 de janeiro. Dele participaram jovens de várias comunidades chegando a totalizar 46 jovens. Discutiram sobre o "capitalismo" e a luta dos trabalhadores para construir uma sociedade nova.

— O Encontro de Jovens Rurais do Cardoso, Paulo Ramos(MA), que contou com a presença de 48 jovens de cinco comunidades do interior. E durante três dias

discutiram sobre a realidade do jovem rural e a importância de sua organização na comunidade e na sociedade.

— A presença de 26 jovens rurais na Assembléia Regional da ACR Nordeste IV. Onde durante três dias discutiram com os outros trabalhadores sobre os trabalhos feitos durante o ano de 1983 no sindicato, na política, na ACR e nas lutas pela conquista da terra.

Estes encontros e tantos outros que estão ocorrendo por aí a fora, demonstram que os jovens rurais estão se movimentando. E vocês jovens, o que estão fazendo? Já estão também se organizando?

DESAFIOS PARA A ACR

A equipe de Coordenação da ACR esteve reunida de 21 a 23 de dezembro para avaliar os trabalhos de 1983 e traçar algumas linhas de ação para 1984.

Os pontos positivos:

- A equipe começa a ter um conhecimento e acompanhamento maior dos trabalhos nos Estados;
- Cada vez mais está participando das lutas dos trabalhadores, buscando ter o controle do seu próprio processo;
- Celebrar as lutas.

Os pontos negativos:

- Falta de um trabalho de base maior;
- Membro da equipe sem ter plena consciên-

cia de sua missão;

- A equipe não conhece bem a situação de todos os Estados;
- Dependência da equipe com relação ao assistente.

Principais desafios para este ano:

- Retomar ou fortalecer os trabalhos de base;
- Conhecer mais a realidade e as prioridades de cada lugar;
- Articular mais os trabalhadores e as equipes para:
 - 1) Fortalecer as lutas sindicais.
 - 2) Fortalecer a luta dos assalariados (cana, cacau, café, etc.).
 - 3) Fortalecer a luta pela posse da terra.

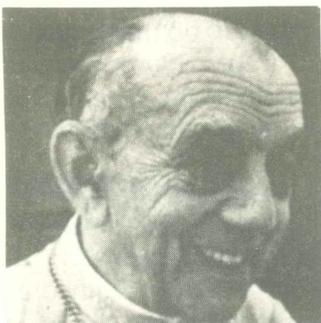
Noticias Breves

Encontros Previstos:

— Encontro Regional de Jovens do Meio Popular, em Olinda(PE), dia 23 a 26 de fevereiro.

— Encontro dos Assistentes da ACR, em Olinda(PE), de 13 a 15 de março.

— Reunião da Comissão de Jovens Rurais da ACR, em Recife(PE), de 17 a 19 de fevereiro.



Dom Helder Câmara:

Comemoramos no dia 07 de fevereiro os 75 anos de vida de Dom Helder, Arcebispo de Olinda e Recife. Depois de tantos anos na sua missão evangelizadora, ele agora renuncia ao cargo de Arcebispo, já tendo feito a comunicação ao Papa João Paulo II. Nossos parabéns ao nosso querido Dom Helder e o desejo que ele continue por muito tempo a espalhar a semente de libertação no meio dos pobres.

Ordenação Sacerdotal:

No dia 11 de março próximo, às 10 horas da manhã, em Palmares(PE) será ordenado padre o nosso companheiro José Gusmão Calado. Ele que vem atuando na Pastoral Rural diocesana e na ACR, pretende se colocar cada vez mais à serviço dos trabalhadores do campo, principalmente na zona canavieira de Pernambuco. Boa sorte Gusmão!

Julgamento de Sindicalistas:

A Auditoria Militar de Manaus marcou para o próximo dia 19 de março deste ano a audiência de instrução e julgamento do processo em que são acusados de "crime contra a Segurança Nacional" o presidente da CONTAG, José Francisco da Silva, o delegado regional da CONTAG no Acre/Rondônia, João Maia da Silva Filho, o vereador Francisco Alves Mendes Filho e os dirigentes do PT, Jacó Bittar e Luis Inácio da Silva (Lula). Foram acusados de incitar os trabalhadores à violência. Esta acusação foi feita depois do assassinato do dirigente sindical Wilson Pinheiro, no Acre, quando um grupo de trabalhadores assassinou um fazendeiro que estava envolvido no crime.

Por um GRITO popular

Estamos cada vez mais convencidos da importância que existe do trabalhador rural fazer o Grito no Nordeste. Por isso mesmo estamos colocando em prática essa nova maneira de elaborar o nosso boletim. Fruto de discussões com os trabalhadores, especialmente a avaliação feita na última Assembléia Geral da ACR.

Cada número terá como tema central a situação dos trabalhadores de um Estado do Brasil. Todo o trabalho é desenvolvido no próprio Estado, junto com os trabalhadores. Foi o que fizemos na Paraíba.

Escrevemos juntos, lemos as matérias para ver se estavam boas e fácil de serem entendidas. Todo esse esforço para tornar o Grito um instrumento eficaz no trabalho de evangelização e conscientização dos camponeses.

OS CORRESPONDENTES DO GRITO

Na medida em que vamos fazendo esse trabalho em cada Estado, queremos escolher pessoas que fiquem como correspondentes do nosso jornal.

Como atua o correspondente do Grito no Nordeste?
a) Envia notícias de sua região e de seu Estado. Ao mesmo tempo incentiva os com-

panheiros para que escrevam cartas ou relatórios de suas atividades no campo;

b) Divulga o Grito para que ele se torne mais conhecido no meio rural. Para isto temos números atrasados. Quem quiser pode nos escrever indicando a quantidade que deseja receber para fazer propaganda;

c) Recebe as assinaturas dos companheiros de sua região, do seu Estado. Procura renovar as assinaturas atrasadas e conseguir novas assinantes;

d) Avalia com os grupos de base e as comunidades cada número do Grito que for publicado, procurando ver o que foi positivo e negativo. Depois envia essa avaliação para o nosso Secretariado, como também as sugestões.
Outras possibilidades de ajudas serão descobertas pelos correspondentes na medida em que vão assumindo essa tarefa.

Acreditamos que esse esforço não será em vão. No futuro poderemos reunir todos os correspondentes e fazermos uma avaliação geral. Esperamos contar com a ajuda dos companheiros, especialmente dos militantes da ACR. Pensamos em lançar no próximo número uma Campanha de Assinaturas. Queremos sugestões. Será que você e sua comunidade podem nos ajudar? Façam uma conversa e escreva-nos. Todos juntos por um Grito popular.

Coroatá: a união do Sindicato



O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coroatá (MA) está de diretoria nova. Desde o dia 07 de janeiro que os companheiros Antonio Evangelista do Nascimento (Presidente), José Benício de Sousa Filho (Secretário), Raimundo Costa Reis (Tesoureiro) e os outros componentes da chapa única que foi eleita pelos trabalhadores, tomaram posse como representantes dos trabalhadores rurais de Coroatá.

Em carta enviada ao Grito no Nordeste e ao movimento da ACR, eles dizem o seguinte:

"Como é sabido, este Sindicato desde o seu evento vem topando a barra mais pesada do movimento em defesa dos trabalhadores rurais. Como companheiros de direção e de base, não podemos deixar de incentivar a luta. Precisamos de fato, topar a grande crise de 83 acarretada pela seca que provocou fome e sede ao nosso povo.

Perdemos muitos companheiros que se retiraram para outras regiões do Estado ou do país. Muitos perderam suas vidas em garimpos, deixando suas mulheres e filhos ao relento. Outros pais de famílias perderam seus filhos. Muitos também, se afortunaram tornando-se barões.

Apareceu o Plano de Emergência, trazido pelo Governo, porém não influenciou em nada. Apenas 300 vagas foram divididas em pequenos grupos para fazer barragens e alguns poços nas propriedades dominadas. No verão inteiro, ganhando menos da metade do menor salário. A maioria dos trabalhadores que foi esquecida saiu pelo mundo afora.

ATUAÇÃO NOS CONFLITOS

Mas como se sabe que o nosso Deus está do lado da luta para a vitória, o pessoal existente continua nos serviços e na luta. Os conflitos nas áreas de maior tensão, ou seja, Data Santana, Data Flor do Dia, Sapucaia e Santo Antonio estão caminhando para soluções.

A Flor do Dia já está desapropriada. A Data Santana, segundo o advogado do Incra, já se encontra no Ministério de Recursos Fundiários. Santo Antonio já recebeu as primeiras visitas do INCRA e do Iterma. Já fizemos o levantamento de todos os posseiros da gleba São Benedito. Colocamos em um relatório e entregamos aos órgãos do Governo, com a média de 93 posseiros. Na entrada de 1984 foi feita a última visita do Incra com o nosso acompanhamento.

Nas áreas de roças livres a criação não teve mais campo solto. Quem a tem, está com ela presa. Quando alguém teima, a força dos companheiros combate".

SANTARÉM RESISTE A INTERVENÇÃO

No dia 9 de janeiro, a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém, no Pará, recebeu um ofício da DRT de Belém anulando a eleição sindical de maio e decretando a intervenção no Sindicato.

A atual diretoria, que tem como Presidente Avelino Ganzer, foi eleita com 4.317 votos dos lavradores contra os 236 alcançados pela Chapa 1, articulada e apoiada pelos políticos do PDS e o sr. Jarbas Passarinho.

Com o pedido de anulação da eleição feita pela Chapa 1, o Ministério do Trabalho chegou até esse ponto de intervir no Sindicato. Nomeou uma Junta Governativa para assumir a direção em Santarém. Mas qual foi a surpresa!

No dia em que a Junta Governativa, acompanhada pela polícia e por políticos do PDS foi ao Sindicato para tomar posse, foi recebida por mais de 1.500 lavradores que não entregaram a chave da sede. Um sinal de que eles não aceitavam a decisão do Ministério do Trabalho.

Graças à organização e o forte poder de mobilização dos lavradores, conseguiram resistir a intervenção. A diretoria eleita recorreu ao Tribunal de Justiça e o juiz deu ganho de causa, anulando a intervenção. Mais uma vez o Sindicato de Santarém mostrou a força de seu trabalho junto aos lavradores, que souberam resistir e exigir respeito ao processo eleitoral que foi legal, legítimo e democrático.

Solidariedade a Propriá(SE)

Reunidos para refletir sobre nossa ação pastoral junto aos trabalhadores vítimas da seca, tomamos conhecimento do teor de um documento enviado à Codevasf por políticos do PDS de Itabi: graves e mentirosas acusações à Ação Pastoral da Diocese, especialmente das Irmãs de Jesus na Santíssima Eucaristia que ali prestam seus serviços pastorais.

As acusações são que as irmãs criam embaraços com setores da comunidade, chegando ao extremo de incentivar os trabalhadores à prática de

saques ao comércio local.

Infelizmente alguns trabalhadores servem de joguete nas mãos dos políticos, ao invés de se unir com os companheiros. Por outro lado, outros afirmaram desconhecer o conteúdo do documento.

Nós, do Grito no Nordeste e da ACR unimo-nos aos companheiros de Propriá nesse protesto, manifestando nossa total solidariedade. Assim como, desejamos que esse fato sirva para aumentar a disposição daqueles que desenvolvem uma ação pastoral em favor dos camponeses.

POSSEIROS PRECISAM DE APOIO

"Há 20 anos atrás, eram 21 famílias pagando renda ao proprietário. Agora, somos apenas seis. Nas nossas posses construímos benfeitorias, plantamos fruteiras, roças. Vivemos da terra, vendendo na cidade o produto do nosso trabalho.

Há quatro anos lutamos para ficar onde trabalhamos e de onde quer nos expulsar o proprietário Ismael da Cruz Gouveia Filho, que requer agora o nosso despejo perante o juiz da 4ª Vara desta Comarca de Campina Grande.

Vejam como o homem é expulso da terra para dar lugar ao boi, como alega o proprietário no seu pedido à Justiça.

Há muito pedimos para falar com o governador Wilson Braga, desde que ele tomou posse e não conseguimos ainda. Cadê a propaganda dos títulos de terra aos camponeses? Cadê a reforma agrária da Fundap?"

Esta é a situação dos posseiros da Fazenda Amazonas, município de Massaranduba (PB). Pedimos aos companheiros que telegrafem ao governador da Paraíba, a Contag, a Fetag e aos representantes dos partidos políticos. Vamos nos solidarizar com essas famílias camponesas. Quem mora perto não deixe de comparecer as audiências no Fórum Afonso Campos, em Campina Grande.

SINDICALISMO DÁ PASSOS IMPORTANTES

Aproveitamos a oportunidade que estamos tendo de fazer o Grito no Nordeste e queremos falar um pouco sobre a situação dos sindicatos em nosso Estado da Paraíba.

Na parte do Brejo e zona canavieira o sindicalismo vem avançando nos últimos dois anos. Agora, no Sertão, no Cariri e Curimatau o sindicalismo está péssimo. Vemos presidentes de sindicato caducos.

"O Sindicato na zona da cana, com toda a dificuldade, pega só o assalariado e isso é uma vantagem em relação a nossa região. Lá o Sindicato incorpora todo tipo de trabalhador: vaqueiro, meeiro, posseiro, arrendatário, o pessoal do cizal. Isso dá uma grande dificuldade de se fazer um trabalho em comum" — é o que disse um companheiro de Barra de Santa Rosa.

A atuação do movimento sindical na Paraíba depende da região. No Sertão o Sindicato é muito parado, com muitos pelegos, muitos Sindicatos comprometidos com o sistema, com o Governo. A grande maioria dos presidentes de Sindicatos são vereadores do PDS. Isso quer dizer que não existe um compromisso com o trabalhador.

Na região do Brejo temos um Sindicato mais livre e combativo. Podemos dizer que a maioria têm uma atuação boa.

Alguns Sindicatos da zona da cana são combativos e estão mesmo na luta. Porém, a maioria está parada, cuidando mais da assistência e deixando prá trás a luta do trabalhador.

No Cariri o Sindicato é também parado. Os velhos é que estão lá. Querem continuar e não fazem quase nada. Existe muita luta para não perder o poder, embora surjam chapas de oposição sindical. Na região do Curimatau e parte do Brejo a luta dos trabalhadores rurais é mais intensa pela mudança de seus Sindicatos.

O SINDICALISMO ESTÁ SENDO EMPURRADO

Um trabalhador de Serra da Raiz diz o seguinte: "Os

trabalhadores estão tomando a frente e os pelegos vão sendo empurrados com medo de chapas de oposição. Para mim, não é o sindicalismo que está avançando. Ele está sendo empurrado, por causa da consciência dos trabalhadores. Alguns sindicalistas avançaram. Não digo todos. No litoral existe uma peleagem comprometida com plantadores de cana e usineiros. Uns estão com medo de perder o cargo e outros vão acabar afroxando".

Apesar dessa pressão, os pelegos utilizam-se de várias artimanhas para conquistar a confiança dos trabalhadores. Ligam-se com políticos do PDS, principalmente nos períodos de eleições sindicais, e recebem todo apoio material para a campanha eleitoral e para melhorar a assistência no Sindicato.

Atualmente eles se aproveitam bastante da Campanha Nordeste Urgente para os flagelados da seca. A LBA tem usado os Sindicatos pelegos para realizar a distribuição de alimentos aos trabalhadores. Só que o trabalhador consciente, que luta por um Sindicato autêntico, quando recebe é com piadinhas.

QUE RUMOS TOMAR

Como em todo lugar do Brasil, na Paraíba aparecem bem definidas as posições existentes no movimento sindical. Isso nós analisamos assim:

De um lado existe a política da Federação (Fetag/PB). "Agora mesmo eu soube do último encontro de Patos, com os Sindicatos da Seca. Saiu um plano de trabalho para criação de um pólo sindical. Mas na minha cabeça não estou vendo muita saída com isso. Prá mim o que está aparecendo aí é somente a política da Federação. Vai haver eleição e ninguém quer perder o poder" — é o que diz um trabalhador rural e dirigente sindical.

Por outro lado, a vitória de Pirpirituba significou muito para o avanço sindical na Paraíba. Surgem oposições sindicais em vários lugares.

OS PRIMEIROS SINAIS

Em Pirpirituba, Bananeiras e Belém esse ano está saindo o 13º salário. Nunca saiu, nem ninguém nunca ouviu falar. O trabalhador não exigia porque não acreditava. Mas da vez que o Sindicato intimou o proprietário a pagar,

todos os trabalhadores receberam. Uns pagaram certo, outros pagaram meio desmanchado. Mas é um grande passo. Daqui a dois anos o trabalhador toma consciência de que é um dos seus direitos.

Finalizando, olhem só que importantes palavras disse um trabalhador de Barra: "Eu acho que o sindicalismo, tanto na Paraíba como nos outros Estados, devia levantar sua bandeira de luta. Esse negócio de assistencialismo, isso a gente já tá cheio. Agora mesmo, temos uma Campanha Nacional pela Reforma Agrária. Por que esses Sindicatos não começam a levantar essa bandeira e aplicar seus recursos, seus esforços em prol de uma conscientização dos trabalhadores?"

PRÁ GENTE REFLETIR COM OS COMPANHEIROS

1) O Sindicato do nosso lugar é autêntico e combativo? Por que?

2) Em nosso Estado a atuação dos Sindicatos depende da região, como acontece na Paraíba?

3) O que podemos fazer para fortalecer o nosso Sindicato? E o Movimento Sindical em nosso Estado?

ELEIÇÕES DIRETAS JÁ

Cresce em todo o Brasil a campanha pelas eleições diretas para a Presidência da República. Milhares de brasileiros foram as ruas nos últimos meses exigindo o direito de votar e escolher o representante máximo da nação. A maior concentração política dos últimos 20 anos foi realizada na Praça da Sé, em São Paulo, no dia 25 de janeiro, reunindo cerca de 300 mil manifestantes.

Os partidos de oposição e diversas entidades democráticas se empenham com toda força na batalha pelas diretas.

Atravessamos um momento em que as pessoas de diferentes classes sociais se unem em torno dessa bandeira de luta. Qual a importância das eleições diretas para a classe trabalhadora?

Hoje, a classe trabalhadora

brasileira apresenta um nível de organização muito forte. Nos últimos anos ela pressionou o regime militar e deu passos importantes no cenário político do país. Haja visto, que criou sua Central Sindical e realizou congressos nacionais onde estiveram reunidos milhares de trabalhadores da cidade e do campo. No ano passado acompanhamos toda a sua luta contra a política de arrocho salarial do Governo e o Decreto 2.045, realizando greves de protestos em vários pontos do país.

Os trabalhadores além de lutar pelos seus interesses econômicos, travam lutas políticas das mais importantes nos últimos tempos. Entre elas lutam pela democratização da vida política do Brasil.

Daí, que a classe trabalhadora não pode ficar de fora

quando outros seguimentos da sociedade exigem eleições diretas. Ninguém melhor do que ela para defender seus interesses.

Qualquer presidente da República eleito pelo voto do povo, estará comprometido com esse processo de democratização política. Os trabalhadores conquistarão maior espaço para exigir ampla liberdade de organização sindical. O fim do atrelamento dos sindicatos. Melhores condições de vida e saúde. Melhores condições de trabalho e até mesmo uma Reforma Agrária.

É importante que entremos nessa luta. Afinal, este é ou não um país democrático? O que estamos fazendo no nosso lugar e no nosso Estado para conscientizar a população da importância das eleições diretas?